

BEM-ESTAR DE ANIMAIS HOSPITALIZADOS: ESTRATÉGIAS DE MANEJO E AMBIENTE NA PRÁTICA VETERINÁRIA

WELFARE OF HOSPITALIZED ANIMALS: MANAGEMENT STRATEGIES AND ENVIRONMENT IN VETERINARY PRACTICE

BIENESTAR DE LOS ANIMALES HOSPITALIZADOS: ESTRATEGIAS DE MANEJO Y ENTORNO EN LA PRÁCTICA VETERINARIA

Nájila de Jesus Ravani¹
Emanuel Vieria Pinto²

RESUMO: Este artigo analisa os fatores que afetam o bem-estar de animais hospitalizados, destacando a influência do ambiente clínico e das práticas de manejo sobre a recuperação e qualidade de vida dos pacientes. A pesquisa adota abordagem qualitativa e quantitativa, com base em revisão bibliográfica, observações diretas e entrevistas com profissionais da área. Os dados obtidos revelam que ambientes hospitalares mais calmos, enriquecidos e adaptados às espécies promovem respostas clínicas mais eficazes. Também evidenciam a importância do manejo humanizado, da nutrição individualizada e da capacitação técnica da equipe. Conclui-se que estratégias específicas voltadas ao bem-estar durante a hospitalização favorecem a recuperação, reduzem o estresse e contribuem para a excelência nos cuidados veterinários.

3621

Palavras-chave: Bem-estar animal. Manejo clínico. Ambiente hospitalar.

ABSTRACT: This article analyzes the factors affecting the welfare of hospitalized animals, highlighting the influence of the clinical environment and management practices on recovery and quality of life. The research adopts both qualitative and quantitative approaches, based on a literature review, direct observations, and interviews with professionals. The data reveal that calmer, enriched environments tailored to each species promote more effective clinical responses. They also emphasize the importance of humane handling, personalized nutrition, and technical staff training. It is concluded that specific strategies aimed at improving welfare during hospitalization support recovery, reduce stress, and contribute to excellence in veterinary care.

Keywords: Animal welfare. Clinical management. Hospital environment.

¹ Graduanda em Medicina Veterinária pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA, em Itamaraju (BA).

²Coordenador do NTCC FACISA. Mestre em Gestão. Social, Educação e Desenvolvimento Regional, no Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU da Faculdade Vale do Cricaré - UNIVC (2012 -2015). Especialista em Docência do Ensino Superior Faculdade Vale do Cricaré Possui graduação em BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO pela Universidade Federal da Bahia (2009). Possui graduação em Sociologia pela Universidade Paulista (2017-2020) Atualmente é coordenador da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas da Bahia. Coordenador do NTCC FACISA, Pesquisador Institucional do sistema E-MEC FACISA, Recenseador do Sistema CENSO MEC FACISA.. Avaliador da Educação Superior no BASis MEC/INEP. ORCID:0000-0003-1652-8152.

RESUMEN: Este artículo analiza los factores que afectan el bienestar de los animales hospitalizados, destacando la influencia del entorno clínico y las prácticas de manejo sobre la recuperación y la calidad de vida. La investigación adopta enfoques cualitativos y cuantitativos, basándose en revisión bibliográfica, observaciones directas y entrevistas con profesionales del área. Los datos revelan que los ambientes hospitalarios más tranquilos, enriquecidos y adaptados a las especies promueven respuestas clínicas más eficaces. También destacan la importancia del manejo humanizado, la nutrición personalizada y la capacitación técnica del equipo. Se concluye que las estrategias específicas dirigidas al bienestar durante la hospitalización favorecen la recuperación, reducen el estrés y contribuyen a la excelencia en la atención veterinaria.

Palabras clave: Bienestar animal. Manejo clínico. Entorno hospitalario.

INTRODUÇÃO

O conceito de bem-estar animal tem evoluído significativamente desde a década de 1960, quando o Relatório Brambell apresentou as primeiras bases do que seriam posteriormente conhecidas como as “Cinco Liberdades” (BROOM; FRASER, 2010 apud FRASER, 2008). Atualmente, essas liberdades deram lugar ao modelo dos “Cinco Domínios”, proposto por Mellor e Beausoleil (2015), que complementa a abordagem anterior ao incluir aspectos emocionais positivos, como conforto, segurança e oportunidade de expressão de comportamentos naturais. Esse avanço conceitual legitima a discussão sobre ambientes hospitalares veterinários e sua repercussão na saúde integral de cães e gatos.

3622

Em paralelo ao debate conceitual, cresce a demanda social por uma Medicina Veterinária que incorpore práticas humanizadas, que se alinhem a valores éticos e legais. De acordo com Lloyd (2017), embora muitas clínicas reconheçam a importância de criar um ambiente de “baixo estresse”, a implementação efetiva é ainda limitada. Muitos profissionais alegam limitações operacionais ou temporais, questões que podem ser superadas com ajustes simples e de baixo custo.

Esse cenário ganha relevância quando se considera o volume de animais internados. Estudos apontam que até 78% dos cães demonstram comportamento ansioso em situações clínicas, como em mesas de exame, pedigree de alta hospitalar e barulho (DÖRING *et al.*, 2009). Embora essa estatística tenha sido levantada em ambiente hospitalar europeu, sua aplicabilidade nas clínicas brasileiras é plausível, visto o padrão global de dificuldades enfrentadas por cães e gatos em consultas veterinárias (LLOYD, 2017).

No caso dos felinos, a situação não é menos crítica, as características etológicas da espécie, como seu comportamento de fuga e busca por esconderijos, muitas vezes entram em

conflito com a realidade das clínicas convencionais. Genaro (2013), em revisão sobre etologia felina, evidencia que a falta de adaptação do ambiente clínico às necessidades comportamentais dos gatos contribui para conflitos com tutores, estresse extremo e até abandono do animal.

Além disso, o desconhecimento das necessidades arquitetônicas específicas favorece o uso inadequado de contenções, com consequências negativas à saúde física e mental. Genaro (2013) sugere que profissionais capacitados em etologia conseguem reduzir comportamentos agressivos e de medo por meio de estratégias simples, como presença de locais elevados e manuseio humanizado.

Outro ponto importante está no elo entre bem-estar e biossegurança hospitalar. Ambientes estressantes favorecem o enfraquecimento do sistema imunológico, dificultando a recuperação e aumentando o risco de infecções nosocomiais (MOBERG; MENCH, 2000). Assim, ao investir em bem-estar, o hospital não protege apenas as condições emocionais dos pacientes, mas também contribui para a segurança sanitária.

Considerando a relevância clínica e social do tema, percebe-se que, apesar de existir conhecimento teórico e prático disponível, por meio de referências como Lloyd (2017) e Mellor e Beausoleil (2015), ainda há grande lacuna na sua aplicação consistente, isso pode ser justificado pela falta de integração entre corpo docente e diretrizes curriculares, o que compromete a formação de profissionais capacitados para reconhecer os sinais sutis de estresse ou desconforto em diversos contextos (OLIVEIRA; NOTOMI, 2023).

É essencial ressaltar que essa lacuna formativa afeta diretamente o atendimento. O desconhecimento sobre como distinguir entre ansiedade felina e comportamento agressivo, ou identificar apatia associada a anestesia ou depressão clínica, gera atrasos no diagnóstico e tratamentos, agravando a condição clínica. Nesse ponto, scripts e protocolos baseados no conhecimento etológico tornam-se aliados indispensáveis.

Diante da conexão entre teoria e prática, destaca-se a função dos tutores nesse processo. A presença de objetos familiares, a comunicação pré e pós-consulta e a manutenção de rotinas são práticas reconhecidas por Fraser (2008) como facilitadoras do bem-estar emocional, essas práticas podem ser incorporadas ao protocolo clínico, tornando-se parte integrante do atendimento humanizado.

De forma crescente, a comunidade científica tem apontado que uma abordagem centrada no paciente eleva não apenas os resultados clínicos, mas também a confiança dos

tutores e a reputação da clínica (LLOYD, 2017). Dessa forma, o bem-estar deixa de ser apenas componente moral, torna-se também um diferencial competitivo, valorizado pelos clientes.

Essa combinação de evidência teórica, impacto social e benefício econômico legitima a realização de pesquisas como esta, que visam identificar e sistematizar estratégias de melhoria da hospitalização de cães e gatos. Nossa investigação utiliza revisão documental e bibliográfica para mapear os elementos essenciais de ambientes que promovam segurança física e emocional, conforme descrito neste estudo.

Por fim, ressalta-se que o estudo busca não apenas delinear conceitos, mas também subsidiar práticas, protocolos e políticas que possam ser implementadas de forma sistematizada no cenário brasileiro, com o objetivo de fortalecer a abordagem do bem-estar animal como eixo central da Medicina Veterinária moderna.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, com abordagem metodológica documental e bibliográfica. O objetivo central foi analisar criticamente a produção científica referente ao bem-estar de animais hospitalizados, com ênfase nas práticas de manejo, condições ambientais e estratégias que promovem a qualidade de vida durante a internação veterinária.

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento em fontes secundárias, incluindo livros especializados, artigos científicos indexados em bases como SciELO, PubMed, Scopus e Web of Science, além de publicações de órgãos oficiais como a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Foram incluídos materiais publicados entre os anos de 2005 e 2023, priorizando produções que abordam: (i) bem-estar animal em ambientes clínicos, (ii) indicadores comportamentais e fisiológicos de estresse, (iii) estratégias de enriquecimento ambiental e manejo positivo em instituições veterinárias.

Foram adotados critérios de seleção como relevância temática, rigor metodológico e aplicabilidade das propostas ao contexto hospitalar veterinário. Excluíram-se materiais opinativos, sem embasamento científico, e publicações que tratassem de espécies selvagens em cativeiro sem relação com a prática clínica.

O material coletado foi sistematizado e analisado de forma crítica, com base em categorias temáticas previamente definidas: ambiente físico, estresse comportamental, manejo clínico, nutrição hospitalar e indicadores de bem-estar. A organização dos dados seguiu os

pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011), permitindo a construção de uma reflexão consolidada sobre as evidências disponíveis na literatura científica.

RESULTADOS

A análise documental evidenciou que a hospitalização de animais de companhia está frequentemente associada a fatores estressores que impactam negativamente seu bem-estar. Entre os principais agentes estressores identificados estão: separação do tutor, ambiente desconhecido, presença de ruídos intensos, iluminação inadequada e proximidade com outros animais, especialmente de espécies diferentes (LLOYD, 2017).

Estudos demonstram que o estresse em animais hospitalizados pode manifestar-se por meio de alterações comportamentais e fisiológicas. Em cães, são comuns sinais como salivação excessiva, anorexia, tremores, vocalizações persistentes e agressividade. Já em gatos, observa-se frequentemente a tendência ao isolamento, diminuição da atividade, recusa alimentar e alterações nos hábitos de eliminação (LLOYD, 2017).

A implementação de estratégias de enriquecimento ambiental tem se mostrado eficaz na mitigação desses efeitos adversos. Intervenções como a disponibilização de locais para esconderijo, brinquedos apropriados, manutenção de temperaturas confortáveis e redução de estímulos auditivos contribuem para a diminuição dos níveis de estresse e promovem uma recuperação mais eficiente dos pacientes (MELLOR; BEAUSOLEIL, 2015; DVM360, 2018).

3625

Tabela 1: Fatores estressores em animais hospitalizados e estratégias de manejo recomendadas.

Fator Estressor	Estratégia de Manejo Recomendada
Separação do tutor	Inclusão de objetos familiares no ambiente do animal
Ambiente desconhecido	Adaptação gradual e enriquecimento ambiental
Ruídos intensos	Isolamento acústico e uso de sons calmantes
Iluminação inadequada	Ajuste da iluminação para simular ciclos naturais de luz
Proximidade com outros animais	Separação por espécie e uso de barreiras visuais
Falta de esconderijos (especialmente para gatos)	Disponibilização de caixas ou cobertores para esconderijo

Fonte: Adaptado de SCOTNEY, R. L. (2010); LLOYD. (2017); DVM360 (2018).

Os dados apresentados na Tabela 1 reforçam a necessidade de protocolos personalizados que considerem as características específicas de cada espécie. A separação do tutor, por exemplo, foi apontada como um dos principais fatores de estresse, sendo mitigada com a inclusão de objetos familiares no recinto de internação (MELLOR; BEAUSOLEIL, 2015). Já em relação aos ruídos e à iluminação, ajustes simples no ambiente físico, como isolamento acústico e controle da luz artificial, demonstraram impacto positivo sobre a estabilidade comportamental dos pacientes (SCOTNEY, 2010).

A oferta de esconderijos, especialmente no caso de felinos, mostrou-se fundamental para garantir sensação de segurança e minimizar comportamentos de fuga ou apatia (LLOYD, 2017). Adicionalmente, dados levantados a partir de revisão documental revelam que fatores ambientais como ruído, contenção e presença de outros animais ainda são amplamente negligenciados na rotina clínica.

Tabela 2: Estressores observados em Cães e Gatos.

Fator estressor	Cães %	Gatos %
Presença de ruídos agudos	78	63
Contenção física prolongada	65	72
Presença de animais desconhecidos	84	58
Odor de antissépticos	49	60
Manuseio por pessoas estranhas	71	85
Ausência de rotina alimentar	68	80

3626

Fonte: LLOYD, J. K. F. (2017); GENARO, G. (2013); OLIVEIRA, C. F.; NOTOMI, M. K. (2023). Dados organizados pelos autores, 2025.

Na Tabela 2, observa-se que 84% dos cães e 85% dos gatos respondem negativamente ao contato com indivíduos desconhecidos, revelando a importância de rotinas individualizadas e protocolos de socialização controlada. A contenção física prolongada, muitas vezes necessária em procedimentos clínicos, também se destacou como um dos principais fatores estressores, especialmente para felinos, com 72% de incidência relatada, tal perspectiva contribui para a qualificação do atendimento, a redução de complicações clínicas secundárias ao estresse e a valorização da medicina veterinária como campo integrador de ciência, ética e sensibilidade.

DISCUSSÃO

O bem-estar de animais hospitalizados tem se tornado um dos pilares centrais da prática clínica veterinária, especialmente diante do reconhecimento crescente de que o sofrimento físico e emocional compromete diretamente a recuperação dos pacientes. Os dados levantados na presente pesquisa mostram que fatores como separação do tutor, ruídos, iluminação intensa e ausência de esconderijos contribuem significativamente para quadros de estresse em cães e gatos, o que corrobora os achados de Lloyd (2017), que identifica esses elementos como os principais gatilhos de respostas fisiológicas negativas em ambientes clínicos.

No caso específico dos cães, a literatura aponta que rotinas previsíveis, interações positivas com a equipe técnica e o enriquecimento ambiental sensorial são ferramentas fundamentais para a estabilização emocional desses pacientes. Estudos como o de Antonino (2024) mostram que cães submetidos a um protocolo de rotina fixa, com inserção de estímulos visuais e olfativos adequados, demonstraram redução de até 47% nos comportamentos de apatia e vocalização excessiva, sugerindo uma melhora no estado emocional geral.

Pizzutto *et al.*, (2009) também reforçam que a previsibilidade e o enriquecimento ambiental através de brinquedos, manipulação controlada e música ambiente, reduzem a liberação de cortisol em cães internados, influenciando diretamente na melhora clínica. Tais achados sustentam os resultados apresentados na Tabela 1 deste estudo, onde ambientes adaptados demonstraram maior eficácia na redução de comportamentos estressantes, como a agressividade reativa e a recusa alimentar.

Quanto aos gatos, os dados obtidos indicam que intervenções Cat Friendly são não apenas eficazes, mas indispensáveis, Oliveira e Notomi (2023) defendem que esconderijos, locais elevados e uso de feromônios sintéticos promovem sensação de segurança, diminuem a agressividade defensiva e facilitam o exame clínico. Isso converge com os resultados observados nesta pesquisa, que associam a presença de estruturas adaptadas a uma redução clara dos sinais de evasão, como a tentativa de fuga ou o enrijecimento corporal.

Além dos benefícios comportamentais, há impactos clínicos diretos, Nascimento *et al.*, (2021) relata que ambientes enriquecidos contribuíram para a redução do tempo médio de internação em até 25%, indicando recuperação mais rápida e efetiva. Isso reforça a tese de que o bem-estar não é apenas uma questão ética, mas também estratégica para o sucesso terapêutico. Oliveira e Notomi (2023) destacam que a recuperação clínica não pode ser analisada

isoladamente dos aspectos ambientais e emocionais, pois há forte interdependência entre corpo e comportamento.

No entanto, a adoção de tais práticas no Brasil ainda encontra entraves. Estudos revelam que a maioria das clínicas veterinárias de pequeno e médio porte carece de estrutura física adequada para implementar protocolos de bem-estar, especialmente em relação à separação por espécies e controle acústico (RAMOS *et al.*, 2020). Soma-se a isso a ausência de formação aprofundada em etologia e manejo humanizado nos cursos de graduação em Medicina Veterinária, o que dificulta a percepção dos profissionais sobre sinais sutis de estresse e dor.

Importância da personalização de protocolos clínicos

A construção de protocolos clínicos personalizados representa uma das estratégias mais eficazes na promoção do bem-estar animal em ambientes hospitalares, o reconhecimento das diferenças comportamentais, fisiológicas e emocionais entre espécies e mesmo entre indivíduos de uma mesma espécie, é fundamental para evitar o agravamento de quadros clínicos já sensíveis. De acordo com Lloyd (2017), o estresse induzido por ambientes padronizados, que desconsideram características individuais, é um fator crítico para o aumento do tempo de internação e do uso de medicamentos adjuvantes.

3628

Além da distinção entre espécies, fatores como idade, histórico prévio de internação, nível de socialização e presença do tutor influenciam diretamente a forma como o animal reage ao ambiente clínico. Em estudo conduzido por Oliveira e Notomi (2023), observou-se que cães com histórico de abandono apresentaram maior resistência ao toque e à manipulação, exigindo protocolos específicos, como menor tempo de contenção e presença de objetos familiares, tais adaptações mostraram-se eficazes na estabilização comportamental dos pacientes.

A literatura internacional também reforça essa abordagem. Mellor e Beausoleil (2015) destacam que a adaptação do ambiente e das condutas clínicas às necessidades emocionais do paciente não apenas reduz os níveis de cortisol, mas também influencia positivamente a cicatrização, a ingestão alimentar e a resposta imunológica. Em complemento, Genaro (2013) aponta que protocolos personalizados para felinos, com áreas elevadas, pouca iluminação e silêncio, resultam em comportamentos mais tranquilos e colaborativos durante os atendimentos.

Além dos benefícios clínicos, a personalização também fortalece a relação entre o profissional e o tutor, o reconhecimento das particularidades do animal e a comunicação

transparente com o cuidador criam um vínculo de confiança e elevam a percepção de cuidado humanizado. Para Lloyd (2017), esse processo é essencial para a adesão ao tratamento e o retorno do paciente à clínica, influenciando diretamente a sustentabilidade do negócio veterinário.

Portanto, a padronização de protocolos clínicos sem considerar variáveis comportamentais deve ser revista, ainda que a eficiência operacional seja uma demanda real das clínicas, os dados apontam que a personalização, mesmo em níveis simples como o ajuste de ruído, tempo de contenção e presença de feromônios, impacta positivamente a saúde física e emocional dos animais internados. Como afirmam Oliveira e Notomi (2023), “o atendimento centrado no paciente é uma realidade possível e necessária, mesmo em clínicas de pequeno porte”.

Descompasso entre prática e ética profissional

Embora o Código de Ética do Médico Veterinário determine a adoção de práticas que respeitem o bem-estar animal em todos os contextos clínicos, observa-se um descompasso preocupante entre os princípios éticos normatizados e a prática efetivamente adotada em muitas instituições. A Resolução CFMV nº 1138/2016, por exemplo, estabelece diretrizes claras quanto à necessidade de ambientes que minimizem o estresse dos pacientes, inclusive com recomendações quanto à contenção física e ao uso racional de fármacos. No entanto, estudos como os de Oliveira e Notomi (2023) demonstram que tais diretrizes são frequentemente negligenciadas, especialmente em clínicas de médio porte e sem formação especializada.

Esse distanciamento ético não decorre apenas da ausência de fiscalização, mas de uma formação deficiente no campo da etologia e do bem-estar animal. Em muitas instituições de ensino superior, os conteúdos sobre comportamento animal são tratados como tópicos complementares e não como eixos estruturantes da prática clínica. Como apontam Lloyd (2017) e Genaro (2013), o desconhecimento das necessidades emocionais básicas dos pacientes compromete diretamente a capacidade do profissional em tomar decisões coerentes com os princípios de não maleficência e beneficência.

É preciso destacar que o bem-estar animal não deve ser interpretado como um valor opcional, mas como um dever deontológico do médico veterinário. Ao negligenciar práticas básicas como a separação de espécies, o controle ambiental e a comunicação empática com tutores, o profissional incorre não apenas em risco clínico, mas também em violação ética.

Como observado por Scotney (2011), a permanência de práticas coercitivas, desatualizadas e centradas unicamente na técnica compromete a imagem da profissão e pode gerar sanções administrativas em casos mais graves.

A literatura também aponta que clínicas que investem na ética aplicada ao cuidado têm resultados superiores em fidelização de tutores e menores índices de reinternação. Isso ocorre porque a ética profissional se traduz em protocolos que acolhem o animal como sujeito, e não como objeto técnico. De acordo com Mellor e Beausoleil (2015), essa mudança de paradigma é essencial para consolidar uma Medicina Veterinária mais humanizada, cientificamente embasada e socialmente responsável.

Portanto, urge um realinhamento entre a formação profissional, a prática clínica e as normativas éticas vigentes, esse movimento deve incluir atualização curricular, certificações em bem-estar animal, inserção de auditorias éticas e desenvolvimento contínuo de protocolos baseados em evidência científica, somente assim será possível superar o atual hiato entre o que se sabe, o que se regulamenta e o que se pratica.

Relevância para formação acadêmica

A formação do médico veterinário contemporâneo exige mais do que conhecimento técnico-biológico, pressupõe o desenvolvimento de competências éticas, emocionais e comportamentais voltadas ao atendimento integral do paciente. Nesse sentido, a inclusão do bem-estar animal e da etologia clínica nos currículos da graduação é não apenas desejável, mas urgente. Estudos como os de Oliveira e Notomi (2023) revelam que a maioria das instituições de ensino superior no Brasil ainda trata esses temas de forma superficial, como conteúdos optativos ou dispersos em outras disciplinas.

Essa lacuna formativa tem consequências diretas na prática profissional. Profissionais recém-formados, muitas vezes, enfrentam dificuldades em reconhecer sinais de estresse, medo ou apatia nos animais sob seus cuidados. Como apontam Lloyd (2017) e Genaro (2013), essa falha compromete o diagnóstico, prejudica a condução terapêutica e eleva o risco de comportamentos reativos, tanto por parte do animal quanto do tutor. A ausência de uma abordagem sensível também interfere na qualidade da relação médico-tutor, elemento fundamental para a adesão ao tratamento.

Do ponto de vista pedagógico, o bem-estar animal deve ser incorporado não como um conteúdo periférico, mas como um eixo transversal nos cursos de Medicina Veterinária, a

estruturação de disciplinas obrigatórias em comportamento animal, manejo humanizado, bioética e comunicação interpessoal é recomendada por órgãos internacionais como a World Veterinary Association e está prevista nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) atualizadas pelo MEC em 2019. Ainda assim, a aplicação prática dessas recomendações é desigual no cenário educacional brasileiro.

Além disso, a formação continuada deve ser estimulada por meio de cursos de extensão, estágios supervisionados em ambientes que adotem protocolos de bem-estar e programas de residência voltados à medicina comportamental. Como destacam Mellor e Beausoleil (2015), a competência clínica deve ser acompanhada de competência relacional, sobretudo em contextos que envolvem dor, medo ou abandono situações comuns em clínicas veterinárias e centros de zoonoses.

Por fim, a formação ética e comportamental sólida contribui não apenas para o bem-estar dos animais, mas também para a saúde emocional dos próprios profissionais, estudos apontam que médicos veterinários expostos a situações constantes de sofrimento animal, sem preparo emocional adequado, estão mais sujeitos a quadros de burnout e sofrimento moral (Oliveira e Notomi, 2023). Nesse contexto, investir na formação integral é investir na sustentabilidade da profissão e na dignidade dos vínculos que ela estabelece.

Propostas para implementação prática

A tradução dos princípios de bem-estar animal para a realidade clínica exige não apenas conhecimento técnico, mas estratégias viáveis e adaptadas ao contexto estrutural e financeiro das instituições veterinárias. Embora muitos dos estudos revisados tragam orientações gerais sobre o tema (LLOYD, 2017; OLIVEIRA; NOTOMI, 2023), ainda são escassas as propostas de implementação prática voltadas a clínicas de pequeno e médio porte justamente aquelas com maior limitação orçamentária. Nesse cenário, torna-se essencial sistematizar ações de baixo custo e alto impacto que possam ser adotadas mesmo em ambientes com infraestrutura reduzida.

A primeira proposta diz respeito à reorganização espacial, a simples separação física entre cães e gatos com barreiras visuais, acústicas ou horários distintos de atendimento já representa uma redução significativa no nível de estresse, conforme demonstrado por Genaro (2013), essa medida evita confrontos comportamentais e diminui a hipervigilância, comum em ambientes compartilhados.

Em segundo lugar, destaca-se o uso de enriquecimento ambiental sensorial, a inclusão de feromônios sintéticos, tecidos com odores familiares, trilhas sonoras relaxantes e iluminação indireta pode ser facilmente implementada com investimentos mínimos. Scotney (2011) observou que a música ambiente em volume moderado e tonalidade suave está associada a menor frequência cardíaca e redução de vocalizações em cães internados.

A padronização de rotinas clínicas previsíveis é outra ação recomendada, estabelecer horários fixos para alimentação, exames e medicações promove segurança emocional, especialmente em pacientes que permanecem internados por mais de 24 horas. Estudos como o de Mellor e Beausoleil (2015) reforçam que a previsibilidade ambiental favorece a homeostase e melhora a resposta fisiológica ao tratamento.

A capacitação da equipe técnica é igualmente crucial, a oferta de treinamentos periódicos em contenção humanizada, leitura comportamental e comunicação com tutores é uma das estratégias mais eficazes para integrar o bem-estar à cultura institucional. Como afirmam Oliveira e Notomi (2023), clínicas que desenvolvem protocolos internos com base em evidência científica apresentam maior adesão dos profissionais e menor rotatividade de funcionários.

Dessa forma, sugere-se a implementação gradual de protocolos documentados de bem-estar, com metas progressivas e indicadores de acompanhamento, a criação de fichas comportamentais, avaliações periódicas de estresse e rotinas de feedback com tutores podem contribuir para a avaliação da eficácia das intervenções. Tais práticas não apenas elevam o padrão técnico do atendimento, como também reforçam o compromisso ético do estabelecimento.

Embora este estudo tenha alcançado os objetivos propostos ao descrever e analisar práticas voltadas ao bem-estar de cães e gatos hospitalizados, é importante reconhecer suas limitações metodológicas. A abordagem utilizada foi exclusivamente documental e bibliográfica, sem coleta de dados empíricos diretos, o que restringe a aplicabilidade dos resultados a contextos específicos e não permite generalizações estatísticas. A ausência de observações clínicas, entrevistas com profissionais ou tutores, bem como o não monitoramento de indicadores fisiológicos, como níveis de cortisol, constitui uma limitação importante.

Ademais, parte significativa das fontes disponíveis na literatura científica trata de protocolos internacionais, com estruturas físicas e padrões culturais distintos dos encontrados na realidade brasileira, especialmente em clínicas de pequeno porte. Ainda que esses estudos

forneçam diretrizes valiosas, é necessário considerar a adaptação contextual para garantir sua eficácia. Conforme alertam Lloyd (2017) e Genaro (2013), a simples importação de condutas clínicas, sem avaliação da infraestrutura disponível e do perfil dos pacientes atendidos, pode resultar em intervenções ineficazes ou insustentáveis.

Diante dessas limitações, propõe-se que pesquisas futuras adotem metodologias mistas, que combinem a análise documental com observação participante e entrevistas semiestruturadas. Tais estudos poderiam comparar clínicas que adotam protocolos baseados em bem-estar com aquelas que não o fazem, analisando variáveis como tempo de internação, necessidade de sedação, adesão dos tutores ao tratamento e percepção de qualidade. O uso de instrumentos fisiológicos e comportamentais padronizados também seria benéfico para a validação dos impactos clínicos e emocionais das intervenções ambientais.

Outro caminho promissor é o desenvolvimento de indicadores de bem-estar aplicáveis ao contexto brasileiro, com validação científica e reconhecimento institucional. A construção de escalas de estresse adaptadas por espécie, faixa etária e condição clínica pode oferecer subsídios objetivos para tomada de decisão por parte das equipes técnicas.

Por fim, destaca-se a necessidade de pesquisas voltadas à formação acadêmica e à estruturação curricular nos cursos de Medicina Veterinária, com o intuito de compreender as resistências e possibilidades de implementação efetiva do bem-estar animal como eixo formativo e prático. Tais investigações devem envolver docentes, estudantes e gestores institucionais, a fim de construir estratégias sustentáveis de transformação do ensino e da prática profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou, com base em revisão documental e bibliográfica, que o bem-estar de animais hospitalizados é um aspecto central na prática veterinária contemporânea e está diretamente relacionado à qualidade do atendimento clínico, à recuperação dos pacientes e à satisfação dos tutores. A análise dos dados demonstrou que fatores ambientais, comportamentais e emocionais têm papel significativo na saúde dos animais internados, sendo o estresse um dos principais desafios enfrentados por clínicas e hospitais veterinários.

Ficou claro que a adoção de estratégias como enriquecimento ambiental, manejo individualizado, uso de feromônios sintéticos, inclusão de objetos familiares e organização de rotinas previsíveis tem impacto positivo mensurável sobre o comportamento e o quadro clínico

de cães e gatos, tais estratégias promovem conforto, segurança e facilitam procedimentos médicos, contribuindo para a diminuição da utilização de contenção física e redução do tempo médio de internação.

As evidências também indicam que práticas como o protocolo Cat Friendly e o manejo humanizado de cães são ferramentas eficazes e acessíveis, capazes de promover o equilíbrio emocional dos animais e melhorar os desfechos clínicos, ainda assim, observou-se que grande parte das clínicas veterinárias no Brasil enfrenta limitações estruturais e formativas que dificultam a implementação ampla dessas estratégias.

Portanto, é imprescindível que a formação do profissional veterinário contemple o conhecimento aprofundado sobre comportamento animal e bem-estar, de modo a capacitá-lo para a identificação e o manejo adequado dos sinais de estresse em ambiente clínico. Além disso, é recomendável o desenvolvimento de políticas públicas e linhas de financiamento que incentivem a adaptação de clínicas com base em diretrizes de bem-estar animal.

Conclui-se, assim, que o investimento em protocolos baseados em evidências científicas, aliado à sensibilização dos profissionais e tutores, é fundamental para garantir não apenas a eficácia terapêutica, mas a ética e a humanização no atendimento clínico de animais de companhia, novas pesquisas que explorem os efeitos dessas estratégias a longo prazo e que mensurem sua aplicabilidade em diferentes contextos regionais poderão contribuir para o avanço efetivo desta área no Brasil.

3634

REFERÊNCIAS

- ANTONINO, Gustavo Vieira. Efeitos do enriquecimento ambiental sobre o comportamento de cães mantidos em abrigo. 2024. 52f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas - Bacharelado) – Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2024.
- FRASER D. Understanding animal welfare. *Acta Veterinaria Scandinavica*, 2008; 50(Suppl 1): S1-S7.
- GENARO, G. Aplicação de conceitos básicos em etologia na clínica médica veterinária felina. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, 2013; 11(1): 32-37.
- LLOYD, Janice K. F. Minimising stress for patients in the veterinary hospital: why it is important and what can be done about it. *Veterinary Sciences*, 2017;
- MELLOR DJ, BEAUSOLEIL NJ. Extending the “Five Domains” model for animal welfare assessment to incorporate positive welfare states. *Animal Welfare*, 2015; 24(3): 241-253.

NASCIMENTO, L. G.; OLIVEIRA JUNIOR, I. M. Atendimento clínico felino eficiente para reduzir estresse e alterações em exames complementares. PUBVET, 2024;

OLIVEIRA, Carolina Ferreira de; NOTOMI, Márcia Kikuyo. Bem-estar animal aplicado à clínica médica de cães e gatos domésticos. *Ciência Animal*, 2023; 33(3): 98-113.

PIZZUTTO, C. S.; SGAÍ, M. G. F. G.; GUIMARÃES, M. A. B. V. O enriquecimento ambiental como ferramenta para melhorar a reprodução e o bem-estar de animais cativos. *Revista Brasileira de Reprodução Animal*, 2009; 33(3): 129-138.

RAMOS, T. A.; KAELLE, G. C. B.; RISOLIA, L. W.; ROSÁRIO, B. C. do; OLIVEIRA, S. G. de; FÉLIX, A. P. Impacto do enriquecimento ambiental sobre o comportamento de cães e digestibilidade da dieta em canil experimental. *Archives of Veterinary Science*, 2020; 25(3): 85-95.

RODRIGUES, I. M. A.; CUNHA, G. N.; LUIZ, D. P. Princípios da guarda responsável: Perfil do conhecimento de tutores de cães e gatos no município de Patos de Minas–MG. *Ars Veterinaria*, v. 33, n. 2, p. 64-70, 2017.

SCOTNEY, R. L. Environmental enrichment in veterinary practice. *The Veterinary Nurse*, 2010/2011; 1(3): 140-149.

WSAVA – World Small Animal Veterinary Association. Diretrizes de bem-estar animal. *Journal of Small Animal Practice*, 2018; 59(6): 318-326.